



UMA CORRIDA ENTRE AQUILES E A TARTARUGA

Plínio Fernandes Toledo¹

1. Prelúdio fragmentário

“Se tudo o que há está situado num espaço, é evidente que haverá um espaço do espaço, e isto se seguirá até o infinito.” Frg 5

“Quatro são os argumentos de Zenão acerca do movimento que provocam dificuldades àqueles que tentam resolvê-los. O primeiro, acerca de que não há movimento porque é preciso que o que se move chegue à metade antes de chegar ao final.” (Aristóteles, **Física**, 239b9)

“O segundo (argumento acerca do movimento) é o chamado ‘Aquiles’, e sustenta que o mais lento jamais será alcançado em uma corrida pelo mais rápido, pois é forçoso que o perseguidor chegue primeiro ao ponto do qual partiu o perseguido, de sorte que o mais lento continuará sempre levando alguma vantagem.”(Aristóteles, **Física** 239b14)

“Zenão... tencionava demonstrar que não é possível que os seres sejam múltiplos, sobre a base de que não há nos seres uma unidade, e de que a pluralidade é uma quantidade de unidades”. (Simplicio, **Física**, 99.13)

“Tentava (Zenão) demonstrar que é impossível que haja pluralidade de seres. Pois, diz, se há pluralidade, dado que a pluralidade é um composto de múltiplas unidades, é forçoso que haja múltiplas unidades das quais se componha a pluralidade. Pois bem, se demonstramos que é impossível que haja múltiplas unidades, é evidente que é impossível que haja pluralidade.” (Filópono, **Física**,42.9)

2. Fugata absurda ad infinitum

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Literatura; área de concentração: Teoria Literária da UFRJ. Bolsista da CAPES. plinio@estancias.com.br



*"Há uma geo-música,
uma geo-filosofia.
São países profundos.
São os meus países. "*

Gilles Deleuze

*“Zénon! Cruel Zénon! Zénon d'Élée!
M'as-tu percé de cette flèche ailée
Qui vibre, vole, et qui ne vole pas!
Le son m'enfante et la flèche me tue!
Ah! Le soleil... Quelle ombre de tortue
Pour l'âme, Aquille immobile à grands pas”!*

Paul Valéry

Sob o alto sol que iluminava a multiplicidade do mundo e o vento que moldava as nuvens cambiantes, Aquiles, sentado sobre o dorso da tartaruga, ouve a pergunta:

A Tartaruga: Conheces o famoso filósofo eleata, Zenão, que usou a lógica de forma implacável a fim de demonstrar a impossibilidade do movimento?

Aquiles: Sim, certamente!

A Tartaruga: Pois bem. Como deves saber, segundo uma de suas aporias, se nós dois disputássemos uma corrida e me fosse dada um pequena dianteira tu jamais me alcançarias.

Aquiles: Como? Mas isso é absurdo. Jamais conseguirias me vencer.

A Tartaruga: É justamente isso o que eu queria que examinássemos.

Aquiles: Queres que examinemos exatamente o quê?



A Tartaruga: A forma pela qual Zenão construiu sua argumentação. Como se nos colocássemos novamente numa disputa. Só que desta vez uma corrida lógica.

Aquiles: Prossigamos então.

A tartaruga: De que ponto tu achas que Zenão partiu para construir os seus quebra-cabeças?

Aquiles: Pelo que eu sei Zenão não partiu de nenhum ponto, uma vez que, como ele mesmo provou, ele não poderia mover-se.

A Tartaruga: Muito bem! É mesmo impossível admitir que Zenão tenha partido de algum ponto. Quem parte, parte sempre de um lugar em direção a outro lugar. Portanto, o conceito de partida pressupõe a aceitação da realidade do movimento.

Aquiles: Percebes muito bem o que quero dizer. Segundo o critério adotado por Zenão, ele torna impossível que haja qualquer tipo de argumentação. Seja lá de que espécie for.

A Tartaruga: Seria possível dar uma demonstração do que afirmas?

Aquiles: Claro. O que penso é o seguinte: entre o princípio e a demonstração, ou melhor, entre a premissa e a conclusão existe um espaço a ser percorrido, como aquele espaço entre a flecha e o alvo, só que de natureza diferente. Dito de outro modo: existe sempre um espaço a separar o impulso da realização, senão ambos se confundiriam por completo, tornando-se indistintos.

A Tartaruga: Explique melhor.

Aquiles: O que quero dizer é o seguinte: entre o desejo de Zenão, o seu impulso inicial em defender as idéias de Parmênides e a concretização de suas aporias, a realização das mesmas, existe um espaço a ser percorrido. O que poderíamos chamar “o espaço lógico da demonstração”. Tal espaço é um espaço lógico porque Zenão percorre-o mediante a articulação de enunciados lingüísticos. Ele situa-



se, portanto, no âmbito das proposições. O que ocorre é que ele precisa percorrê-lo por inteiro a fim de realizar a sua intenção, o que chamamos acima o seu impulso inicial.

Em resumo, para que Zenão leve a cabo a sua argumentação e demonstre a irrealidade do movimento é preciso que ele se locomova dentro de um certo tipo de espaço: a geografia virtual das relações conceituais. Consegues visualizar, imaginar este espaço?

A Tartaruga: É claro que sim. Mas continue.

Aquiles: Ora, como ficou claro, Zenão deve forçosamente partir de um ponto, de uma premissa, percorrer um espaço até atingir uma conclusão como fim do percurso. Ou seja, Zenão parte de um lugar em direção a outro lugar; de um ponto de partida rumo a um ponto de chegada. No entanto, segundo o seu próprio critério, antes de atingir a meta ele deverá percorrer metade do caminho, correto?

A Tartaruga: É evidente que sim.

Aquiles: Mas antes de percorrer metade do caminho, é preciso que ele tenha cumprido um quarto do percurso, e assim indefinidamente. Como disse T.S. Eliot, “entre a concepção e a ação tomba a sombra”. Ora, entre a concepção de Zenão e o cumprimento de sua ação, a execução de seu propósito, existe uma progressão infinita. Isto significa, de acordo com os seus próprios argumentos, que Zenão jamais poderia construir suas aporias. Sua intenção seria como a flecha que jamais atinge o alvo.

A Tartaruga (um pouco atônita): Como?

Aquiles: Ora, ainda não compreendestes? O que quero dizer é que Zenão tem apenas duas saídas: ou ele não se move e nunca alcança realizar as suas aporias, ou ele se move e contradiz-se, o que dá no mesmo. Em qualquer um dos casos, o pensamento dele paralisa-se. De qualquer forma, a sua lógica leva-o à autodestruição.



A Tartaruga (Irônica): Agora compreendo!... Esta é a sua vingança contra Zenão, pela humilhação que ele te fez passar. Logo tu, o maior corredor dentre os gregos, aquele a quem Homero apelidou “o de pés ligeiros”, perder uma carreira para uma tartaruga, o mais lento dos seres. É inaceitável! No entanto, Aquiles, uma coisa ainda não me ficou clara: de que ponto partistes para elaborar tão elegante argumento?...

E assim continuaram os dois a conversar, uma conversa que já não pode mais ter fim. Por isso ainda os vejo, seguindo a mesma corrida, na qual Aquiles permanece a um passo atrás da Tartaruga. Ambos se movem, e a palidez da tarde que inicia envolve-os no odor preguiçoso do silêncio, dentro do qual a natureza agita-se numa multiplicidade de formas.